

GLADIADORES ROMANOS: ENTRE O MÁRMORE E A AREIA

*Thais Ap. Bassi Soares**

Renata Lopes Biazotto Venturini

RESUMO

Gladiadores são figuras típicas do mundo romano antigo tendo em conta o grau de importância política, social e cultural que os jogos alcançaram nesta sociedade. Os combates se inserem nos chamados Espetáculos Públicos, oferecidos a população pelas camadas dirigentes. Sendo assim, o artigo tem como objetivo expor a organização dos jogos e seu papel como um mediador político entre a população e o Imperador. Selecionamos a obra *Liber Spectaculorum*, do poeta, nascido na Hispânia (na Península Ibérica), Marco Valério Marcial, produzida no ano de inauguração do Anfiteatro Flávio, figurando como uma importante fonte para o entendimento da mentalidade do século I d.C.

Palavras-chave: Jogos, Roma, Gladiadores

ABSTRACT

Gladiators are typical people in the Ancient Roman World taking into account the degree of political, social and cultural importance of the games reached in that society. Fighting was a part of so called Public Spectacles, offered by ruling classes to the population. Thus, the article has aimed at exposing the organization of the games and his role as a political mediator between the population and the Emperor.

We selected the work *Liber Spectaculorum*, written by Roman poet from Hispania (the Iberian Peninsula) Marcus Valerius Martial, produced in the inauguration year of the Flavian Amphitheater, appearing as an important source for understanding of mentality of the 1st century A.D.

Keywords: games, Rome, Gladiators

* Thais Soares, graduanda em História pela Universidade Estadual de Maringá. Bolsista da fundação Araucária com o projeto intitulado “Os Espetáculos do Coliseu nos versos de Marcial”, sob orientação da prof. Dr. Renata Lopes Biazotto Venturini. Renata Lopes Biazotto Venturini é Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá e membro do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

INTRODUÇÃO

Os jogos de gladiadores romanos foram muito mais do que um mero espetáculo brutal, organizado por imperadores impiedosos, e aceitos por uma população sedenta por sangue.

Eles tiveram um importante papel político e social estabelecendo um espaço de diálogo entre o Imperador e a população. Também figuraram como um espaço de reprodução dos modelos sociais e valores do mundo romano.

AS DIVERSAS ORIGENS DOS JOGOS

Não existe entre os historiadores um consenso acerca da origem dos jogos. Duas hipóteses aparecem como as mais prováveis: a Campaniana e a Etrusca (FUTRELL, 1997)

Thomas Wiedmann na obra “*Emperors na Gladiators*” afirma que a origem do combate é Etrusca. (WIEDEMANN,1998)

John Mouratidis (1996) sugere que as pinturas funerárias indicam a origem dos combates na Câmpania, em uma área primeiramente colonizada pelos gregos no século VII a. C. Pode haver uma conexão de memória cultural dos sacrifícios humanos e jogos funerários na pré-história grega. Alison Frutrell na obra “*Blood in the Arena*” defende a origem Câmpaniana.

Diante de toda a polêmica acerca das origens dos jogos, aparecem dois pontos consensuais:

- 1) Caráter funerário, religioso e privado das primeiras lutas
- 2) O caráter privado só vai se perder no período Imperial, embora as lutas tenham ganhado notoriedade no período republicano.

Pensando nos combates algumas datas são importantes:

- 1) No ano de 261 a.C.: foram apresentados combates de três pares de gladiadores, no *Forum Boarium*, por conta do funeral de *Iunium Brutus*. Estes combates marcaram a introdução dos *munera gladiatoria* em Roma.
- 2) 216 a. C.: os filhos de Amelius Lepidus oferecem um múnus com vinte e dois pares de gladiadores no Fórum Romano.
- 3) 147 a. C.: é oferecido um espetáculo com setenta e quatro pares de gladiadores.
- 4) 105 a. C.: o Senado romano oficializa os espetáculos de gladiadores.

Com a oficialização por parte do Senado, os combates passam a fazer parte dos chamados “Jogos Públicos”. Para entender sua importância vale lembrar que eles pautam o calendário romano e ritmam a vida nas cidades.

Exemplificando: ao final de República eram dedicados setenta e sete dias aos espetáculos. Por volta de 354d. C. esse número passou para cento e setenta e sete dias. Foram instituídos diversos espetáculos como os *Ludi Romani* (no século IV, caráter religioso: consagrados a Júpiter); *Ludi Plebei* (no século III). Também havia espaço no calendáro para o *Ludi Cereales* (Abril: Ceres); *Ludi apollinares* (Junho: Apolo); *Ludi Megalenses* (Abril: Cibele), entre outros.

O LIVRO DOS ESPETÁCULOS

A obra intitulada *Liber Spetaculorum* do poeta espanhol Marco Valério Marcial (44-102 d.C.), foi escrita por volta do ano 80 d.C., em homenagem a série de comemorações realizadas para a inauguração do Anfiteatro Flávio, sob o governo de Tito. Essa coletânea de poemas, sobrevive apenas em fragmentos, e acredita-se que seja um dos muitos trabalhos publicados por conta destas festividades. Por ser o único remanescente, seu valor histórico e cultural é inestimável.

O *Liber Spectaculorum* não é considerado um típico trabalho de Marcial. Tal diversidade quando comparada com os livros de Epigramas despertou o interesse de diversos pesquisadores, dentre eles Katleen Coleman, classicista, professora de Harvard e responsável pela transcrição da obra do latim para o inglês. Ela afirma em entrevista:

É uma janela tremendamente importante para a *mentalidade* da época ". Nós só temos cerca de duzentas linhas, e não temos nenhuma maneira de saber quantas compunham o original, contudo este é o único vestígio sobrevivente de uma coleção epigramática em comemoração de algum evento público. Nós assumimos que era um dos muitos trabalhos que foram escritos no momento, porque esse tipo de coisa era o que os poetas foram treinados para fazer

² 1

Esse trabalho mostrou aspectos inesperados dos espetáculos romanos. Ao contrário do que a historiografia normalmente coloca acerca dos espetáculos, estes não eram uma carnificina. Coleman os compara aos atuais campeonatos de boxe: *Gladiators were highly trained specialists who usually confined themselves to one fighting style* [gladiadores eram especialistas altamente treinados, mesmo que usualmente presos ao seu determinado estilo de luta] (GEWERTZ, 1998). A autora destaca na introdução do *Liber* que o desenvolvimento dos estudos referentes a essa obra está relacionado à numeração dos epigramas, que apareceu de diferentes formas ao longo das História. Três causas são apontadas por ela para as diferenças nas numerações:

- A primeira deriva da incerteza, se epigramas consecutivos que possuem um mesmo tema, devem ser considerados como único epigrama ou dois. Um

² It's a tremendously important window into the mentalité of the era," she said. "We only have about 200 lines, and we have no way of knowing how long the original was, but it's the only surviving vestige of an epigrammatic collection commemorating a specific public event. We assume that it was one of many such works that were written at the time because this sort of thing was what poets were trained to do. (GEWERTZ,1998)

único número foi atribuído a epigramas sobre o mesmo tema, até *Carratello*. Em sua edição (1981), foram atribuídos números de separação para cada membro de um par. Este é o sistema adotado Shackleton Bailey no seu Teubner text (1990) e na edição Loeb (1993) e é o sistema que eu seguirei na introdução e nos comentários posteriores.

- A segunda causa de confusão é a ausência de dois epigramas (31e 33) de uma tradição de um ramo da tradição representada pelos descendentes dos perdidos arquétipo K. A lacuna causa um rompimento na sequência 31-34 nas edições impressas no século XX
- O terceiro problema com a numeração dos epigramas é causado por uma classificação errônea: um epigrama pejorativo sobre Domiciano foi inserido no final do *Liber spectaculorum*. O poema, possivelmente não foi publicado quando o imperador estava vivo.

Coleman adota o sistema de numeração de *Carratello*, apontando os outros sistemas em marcações ao longo da obra.

Em relação a transmissão do texto pode-se apontar três manuscritos tradicionais de Marcial:

- O ramo de Schneidewin (1842)
- Lindsay (1903b: 8-12)
- Duff (1903:220)

Esses manuscritos foram preservados por colecionadores e despertaram o interesse dos historiadores desde final o século XIX.

Encontra-se nos poemas que compõem o *Liber Spetaculorum* quatro tipos de espetáculos realizados nos anfiteatros romanos:

- As produções mitológicas: eram espetáculos onde se podia assistir as execuções. Em um de seus poemas, Marcial descreve a encenação da Morte de *Orpheu*, que na Mitologia foi trucidado por bacantes. O prisioneiro em questão sofreu o mesmo destino, pelas garras de um urso.
- Espetáculos com animais: podia-se assistir a luta entre dois ou mais animais. Além dessas lutas, o público poderia apreciar uma *Venatio* ou caça ao animal selvagem. Relatos literários e epigráficos desses espetáculos, se debruçam sobre a coleção de animais exóticos envolvidos, inclusive herbívoros africanos, como os elefantes, rinocerontes, hipopótamos e girafas; além de ursos e alces das florestas do norte, assim como criaturas estranhas: onagros, avestruzes e gruas. Os mais populares foram os leopardos, leões e tigres. Estima-se que cerca de nove mil animais foram oferecidos por Tito, nos espetáculos de abertura do anfiteatro Flávio.
- Jogos de Gladiadores: eram as apresentações mais esperadas do dia. Realizados no período da tarde, opunham adversários com habilidades equivalentes. Os gladiadores eram treinados na *Ludus Romana* e poderiam alcançar fama e riqueza caso saíssem vitoriosos da arena.
- *Naumachie*: Os romanos reeditaram combates, com navios de guerra em escala reduzida, manobrando em águas de três a cinco metros de profundidade. Para criar este lago artificial no Coliseu, primeiro se retirou da arena sua madeira subjacente, suporte verticais e vigas horizontais, o que deixou marcas ainda visíveis no muro de contenção. As *Naumachiae* terminaram no final do século I d. C, quando os romanos substituíram a madeira do suporte por paredes de alvenaria, tornando a inundação na arena impossível.

Além de descrever os espetáculos, Marcial engrandece o Império romano, e mostra sua admiração pelo imperador Tito. No primeiro poema do Livro, o autor pede que sejam esquecidos todos os prodígios construídos por outros povos, pois o único que realmente alcançará a eternidade é o Anfiteatro de César.

“ Que os bárbaros sileciem sobre o milagre das pirâmides de Memphis, os Assírios esqueçam o trabalho na Babilônia, e que os jônios deixem de angariar elogios ao Templo de Trivia, deixe que o altar de muitos cornos não diga nada sobre Delos, e não deixe os Cariós exaltarem seu prodigioso Mausoléu suspenso no ar, exaltando as estrelas. Todo trabalho se rende ao Anfiteatro de César: a fama de um, ira se sobrepor a todos os outros.¹” (COLEMAN, 2006)

Assim, para o autor, todos os grandes feitos da antiguidade perdem sua importância diante do chamado anfiteatro de César, aquele que será sempre lembrado pela humanidade.

OS JOGOS E AS CIDADES

Por muito tempo os jogos foram tratados na historiografia como um instrumento político de manipulação das camadas inferiores, essa prática ficou conhecida como política do Pão e Circo. Friedlander (FRIEDLEANDER,1997 apud ALMEIDA,1994) argumenta que os jogos seriam necessários para manter o controle e o domínio público, já que enquanto houvesse entretenimento e alimento por parte do Estado, não haveria questionamentos por parte da população.

Paul Veyne (VEYNE, 1976 apud ALMEIDA, 1994), por sua vez, defende que os jogos seriam oferecidos por conta de um “pacto histórico” característico das civilizações antigas. Essa leitura de Veyne é chamada Evergetismo. Em 1970 Paul

Ricouer, trata os jogos como um importante espaço de relacionamento entre a população e o Imperador. (ALMEIDA,1994)

Partindo das duas últimas premissas apresentadas (Veyne e Ricouer), entende-se nesse trabalho que os jogos de gladiadores figuravam como um meio importante de diálogo entre a população e o imperador e também como um espaço para afirmação social à medida que as arquibancadas dos anfiteatros reproduziam os *lugares sociais* romanos.

Os jogos eram altamente custosos para a sociedade romana. Seu financiamento variou de acordo com quem ocupava o poder. No período republicano o Edil era o responsável pela organização de jogos em nome de Roma.

No Império, a organização variou de magistratura de acordo com quem ocupava o poder:

- Em Tibério os pretores ficaram com a responsabilidade da organização dos jogos.
- Calígula: sorteava dois pretores que deveriam patrocinar os jogos .
- Cláudio: os espetáculos de gladiadores deveriam ser oferecidos por aqueles que entrassem na questura.

De acordo com Almeida (1994), em alguns escritos aparece a figura do *Arcarii*. Não se sabe ao certo seu papel, mas acredita-se que quanto o responsável pelo financiamento de um espetáculo não cumpria seu papel, esse funcionário do governo utilizava parte dos recursos do tesouro para promover os espetáculos. O magistrado “desobediente” era multado.

LEGISLAÇÃO

Não existiu em Roma um código que norteasse a organização dos jogos. O que se pôde observar ao longo da história foram legislações específicas que vigoraram durante alguns governos. As principais interferências apareciam em épocas de crise financeira, no alto império.

No século IV foi redigida uma legislação que versava sobre o cumprimento das obrigações de cada magistrado em relação aos espetáculos.

Pensando no papel da população diante dos jogos podemos citar:

- o anfiteatro se torna um espaço de reivindicações às autoridades. As principais solicitações faziam referência ao abastecimento de cereais, ônus de impostos, reclamações de cunho político. Cabe lembrar aqui, que essas manifestações nunca tiveram a intenção de alterar a estrutura do regime, apenas melhorar as condições de vida.

CONCLUSÕES

O artigo procurou mostrar como se desenvolviam as relações entre população, magistrados e Imperador nos jogos romanos. Esse espaço se constituía num importante canal de diálogo, onde as camadas populares poderiam expor seus anseios às camadas dirigentes e estas então satisfazê-los, evitando conflitos. Buscou-se também mostrar como os jogos se organizavam em relação ao financiamento, espaço, atores e público.

Cabe ainda ressaltar a importância da obra de Marcial no sentido de que ela é a única remanescente do que se acredita ser uma série de trabalhos escritos à época da inauguração do Anfiteatro Flávio.



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Por fim ressaltamos que os jogos constituem um rico material para o entendimento do mundo romano e sua organização

DOCUMENTAÇÃO LITERÁRIA

MARTIALIS, Marcus Valerius. *Liber Spectaculorum*. Trad. de Katleen Coleman. New York : Oxford University Press, 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L. S. O significado político dos Espetáculos oficiais na Roma Imperial. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1994.

BROWN, S. The Roman Arena. In: Archeological.org. Boston. August, 1996. Disponível em: <<http://www.archaeology.org/gladiators/arena.html>> Acesso: 20/11/2012

FRIEDELANDER, L. *Mouers Romaines d' Auguste à la fin du siècle des Antonins*. Paris: C. Reinwald, 1987.

FUTREL, A. *Blood in the arena. The spectacle of roman power*. Texas: University of Texas, 1997.

GARRAFFONI, Renata S. Técnica e destreza nas arenas: uma leitura da Gladiatura no Império Romano. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2004.

GEWERTZ, K. *Lions and Tigers and Gladiators*. Cambridge: The Harvard University Gazette, 1998.

GRIMAL, P. *História de Roma*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GRIMAL, P. *O Império Romano*. Lisboa: Edições Lisboa, 1999

GUILLÊN, J. *Epigramas de Marco Valério Marcial*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2003.

MOURATIDIS, J. *On the Origins of the gladiatorial Games*. Nikephotos 9, 1996.

RICOUER, P. *Temps et Récit. Le Temps Raconté*. Paris: Seuil, 1985.



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RÜHL, M. Menschen, Tiere, Sensationen. Die Inszenierung des Fremden in Martials Liber spectaculorum. DAV – Bundeskongress: Göttingen, 2008

VEYNE, P. Le Pain et le Cirque. Sociologie Historique d'un Pluralisme Politique. Paris: Seuil, 1976.

WIDEMANN, T. Emperors and Gladiators. Routledge: Londres, 1998.

Artigo Recebido em: 26 de junho de 2013.

Aprovado em: 06 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.